

Um namoro de muitos xingamentos

BRASÍLIA — Um dos principais lances da campanha deste ano foi a troca de acusações entre Lula e Brizola, na disputa pelos votos “progressistas”. O candidato do PDT chamou Lula de cachaceiro e considerou-o despreparado para governar, depois de ouvir Lula ter dito, há tempos, que Brizola era capaz de pisar no pescoço de sua própria mãe para ser Presidente da República.

Com o quadro que se configura para o segundo turno — um candidato “conservador” e outro “progressista” — é difícil imaginar que Lula e Brizola não estejam juntos. Apesar das duras críticas mútuas e públicas na campanha, o PT e o PDT estão prontos para juntar as malas depois de 15 de novembro:

— Na direita a gente bate de frente, mas no Brizola, só de lado — alega o Deputado José Genoíno (PT-SP) certo de que o tom das brigas tem um limite.

Se o cenário do segundo turno for Fernando Collor contra Brizola, para o PT não restará outra alternativa a não ser marchar ao lado do PDT. Neste caso, Brizola vai somar também a maior parte do PMDB, PSDB e os votos do PCB. Enquanto isso, Collor poderá contar, desde já, com o apoio dos candidatos mais “conservadores” — Afif Domingos (PL) e Paulo Maluf (PDS).

Num eventual confronto Collor-Brizola, o PMDB — o maior partido e o que mais dramas viveu nesta sucessão — ficará ainda mais dividido. Os “moderados”, que foram excluídos da campanha de Ulysses Guima-

rães, tendem a fechar com Collor. E prometem gritar por uma Convenção para levar todo o partido nesta direção, a fim de neutralizar o peso de Ulysses que quer ser o negociador do partido nesta etapa.

Além disso, Ulysses vai enfrentar as pressões do Governador de São Paulo, Orestes Quêrcia, que já emite sinais de simpatia à candidatura de Brizola, no segundo turno, através de seu Vice, Almino Affonso. Se, mais um vez, ouvir Quêrcia — que foi quem lhe garantiu a legenda para disputar a eleição — Ulysses terá problemas com os Governadores Moreira Franco (RJ) e Pedro Simon (RS) e suas bancadas, mas manterá a seu lado o grupo “progressista” do partido, liderado pelo candidato a Vice, Waldir Pires.

Escaldados com a experiência da Aliança Democrática que elegeu Tancredo Neves e José Sarney, os “progressistas” do PMDB garantem que o apoio a Brizola — ou a outro candidato de esquerda no segundo turno — será exclusivamente político e não administrativo: não querem cargos no Governo.

Apesar dos inúmeros sinais de Collor, de que gostaria de governar com os “tucanos”, Mário Covas já deixou claro que, no caso deste confronto no segundo turno, sua tendência é acompanhar o pedetista. Não se sabe, contudo, até que ponto será seguido pelo partido. Seu maior cabo eleitoral, o Governador do Ceará, Tasso Jereissati, chegou a ter conversas com Collor e quase o apoiou na primeira fase da campanha.



Collor no segundo turno com Brizola faz petistas terem memória seletiva